

**FACULDADES INTEGRADAS REGIONAIS DE AVARÉ**  
**Licenciatura em História**

**A Inquisição Puritana e sua relação com o  
desenvolvimento do capitalismo nos Estados Unidos**

*Maria Fernanda de Souza Ferreira*

**Avaré**  
**2021**

**FACULDADES INTEGRADAS REGIONAIS DE AVARÉ**  
**Licenciatura em História**

**A Inquisição Puritana e sua relação com o desenvolvimento do  
capitalismo nos Estados Unidos**

*MARIA FERNANDA DE SOUZA FERREIRA*

*PROF<sup>a</sup>. MSc. DINAMENE G. GODINHO SANTOS*

**Trabalho apresentado como exigência parcial  
para obtenção do grau de licenciado em  
História.**

**Avaré  
2021**

MARIA FERNANDA DE SOUZA FERREIRA

***A INQUISIÇÃO PURITANA E SUA RELAÇÃO COM O  
DESENVOLVIMENTO DO CAPITALISMO NOS  
ESTADOS UNIDOS***

COMISSÃO EXAMINADORA

---

---

---

Avaré, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 2021.

FERREIRA, Maria Fernanda de Souza. A Inquisição Puritana e sua relação com o desenvolvimento do capitalismo nos Estados Unidos, 2021.37f. **Monografia** (Licenciatura em História) – Faculdades Integradas Regionais de Avaré, Avaré, 2021

## RESUMO

A presente pesquisa, embasada em referências bibliográficas, apresenta uma visão sobre o desenvolvimento do capitalismo. O principal intuito desta monografia é compreender a relação entre a inquisição puritana e o desenvolvimento do capitalismo nos Estados Unidos. Com esse objetivo a pesquisa foi iniciada analisando o movimento de Reforma e sua particularidade na Inglaterra, inclusive tratando da própria inquisição protestante já ocorrida nesse país. Em seguida tratou-se da vinda dos imigrantes ingleses para as colônias do norte dos Estados Unidos, destacando o ideário particular desse “país fundadores”, que vieram para América com a expectativa de colocar em prática toda uma ortodoxia religiosa para a qual não encontravam espaço em seu país de origem. Foi analisada toda uma gama de atitudes e posturas de extrema rigidez que criaram um ambiente propício para o desenvolvimento do capitalismo. Nesse interim, a pesquisa buscou focar no papel das mulheres, analisando como as mesmas foram submetidas e utilizadas como uns dos instrumentos de coerção necessários ao alcance dos interesses socioeconômicos da elite sexista. Como exemplo, foi retratado um dos episódios mais marcante da história americana: o julgamento das bruxas de Salém.

**Palavras-chave:** Puritanos; Inquisição; Protestantes; Calvinismo; Capitalismo; Bruxas; Salém; Estados Unidos

## **Agradecimentos**

À minha orientadora Dinamene, que teve toda a paciência do mundo e se esforçou ao máximo para me auxiliar nesse processo tão importante para mim.

À Vênus e a Ana Catarina que me acompanharam noite a fora enquanto eu estudava e escrevia esse projeto.

Às minhas colegas de turma Juliane e Maria Julia que aguentaram meus surtos e choros. A mim mesma que, mesmo com tantas dificuldades, me permiti continuar e dar o meu melhor.

Por fim agradeço às minhas irmãs, as bruxas que vieram antes de mim e me dão a força da ancestralidade para continuar lutando pela minha liberdade e minhas vontades. Gratidão!

## **Dedicatória**

À minha mãe, que sempre me apoiou e não me deixou desistir mesmo depois de tantas crises.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2. REFORMA PROTESTANTE.....</b>	<b>10</b>
2.1 CALVINISMO.....	12
2.2 CALVINISMO NA INGLATERRA.....	15
<b>3. INQUISIÇÃO PURITANA.....</b>	<b>18</b>
<b>4. OS PURITANOS NA AMÉRICA: DESENVOLVIMENTO DAS COLÔNIAS DO NORTE DOS ESTADOS UNIDOS .....</b>	<b>21</b>
<b>5. A INQUISIÇÃO PURITANA NA AMÉRICA: O CASO DE SÁLEM .....</b>	<b>24</b>
<b>6. A RELAÇÃO ENTRE A INQUISIÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DO CAPITALISMO NA AMÉRICA.....</b>	<b>30</b>
<b>7. CONCLUSÃO.....</b>	<b>35</b>
<b>8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>36</b>

## 1. Introdução

Desde as teorias marxistas, o estudo do desenvolvimento do capitalismo tem sido uma problemática para os pesquisadores ativistas ou não. O objetivo desses estudiosos é mostrar como ocorre o nascimento e a estruturação desse novo sistema econômico, além de buscar apresentar uma alternativa a esse sistema, que para eles é a raiz da desigualdade e de outros inúmeros problemas sociais.

Na obra “O Capital”, Marx (2014) utiliza o conceito de “acumulação primitiva” para, a partir daí, desenvolver suas reflexões sobre as relações capitalistas. O autor considera a acumulação primitiva um processo fundacional, pois é ela que revela as condições estruturais necessárias para o desenvolvimento do capitalismo.

Embora essa pesquisa busque respostas direcionadas a esse novo modo de produção, assim como os marxistas que voltam sua ótica à interpretação desse sistema, este estudo tem o intuito de partir de outro ponto de vista. A maioria dos pesquisadores que refletem sobre esse novo sistema através dos ideais de Marx, se baseiam na acumulação primitiva do capital que será utilizado para produção de mercadorias e com uma visão voltada para o proletariado assalariado do sexo masculino, e acabam não se atentando a outros pontos que também podem ter tido influência no desenvolvimento do capitalismo, como por exemplo as questões religiosas.

Em seu renomado trabalho “A Ética Protestante e o espírito do capitalismo”, o sociólogo Max Weber (2013) busca apresentar relações entre tal sistema econômico e suas raízes religiosas, usando como ponto de partida o protestantismo.

Só alhures teremos ocasião de tratar no pormenor daquela concepção do materialismo histórico ingênuo segundo a qual ‘ideias’ como essas são geradas como ‘reflexo’ ou ‘superestrutura de situações econômicas.’ Por ora, é suficiente para nosso propósito indicar: que na terra natal de Benjamin Franklin (o Massachusets) o ‘espírito do capitalismo’ (no sentido por nós adotado) existiu incontestavelmente antes do desenvolvimento do capitalismo.’ [(já em 1632 na Nova Inglaterra, havia queixas quanto ao emprego do cálculo na busca de lucro, em contraste com outras regiões da América)]; e que esse ‘espírito capitalista’ permaneceu muito menos desenvolvido, por exemplo, nas colônias vizinhas – os futuros estados sulistas da União – muito embora estas últimas tivessem sido criadas por grandes capitalistas com finalidades mercantis, ao passo que as colônias da Nova Inglaterra tinham sido fundadas por razões religiosas por pregadores e intelectuais em associação com pequenos burgueses, artesãos (WEBER, 2013, p. 48 e 49)

Já em seu livro, “O calibã e a bruxa”, Silvia Federici, (2017) busca explicar como a execução de mulheres durante o início da Idade Moderna se relaciona com o surgimento do capitalismo. De acordo com a autora, a caça às bruxas nos séculos XVI e XVII é considerada



um tipo de acumulação primitiva, e afirma, também, que este grande marco ocorrido tanto na Europa quanto também no Novo Mundo, foi tão importante para o desenvolvimento do capitalismo como a colonização e a expropriação do campesinato europeu de suas terras.

Tendo como base as doutrinas calvinistas e seus efeitos históricos, este trabalho buscou mostrar como foi possível utilizar de uma arma religiosa e genocida para acelerar o desenvolvimento do sistema capitalista.

Nesse sentido a hipótese levantada por essa pesquisa é de que o pensamento puritano foi essencial para o desenvolvimento do capitalismo, e que um dos motivos para a perseguição de mulheres naquele momento foi um fator econômico.

Momento privilegiado para esta análise é a formação das colônias do norte dos Estados Unidos, a chamada Nova Inglaterra, em especial o território de Massachussets, a antiga Salém.

Diferentemente das colônias de exploração inglesa do Sul, a região nortista foi colonizada por protestantes ingleses e europeus refugiados vítimas de perseguição religiosa. O objetivo desses colonizadores não era a exploração de terras, mas sim povoar e transformar aquele território. Os protestantes se basearam na mão de obra livre, pequenas propriedades, produção para consumo interno e economia baseada no comércio.

Ao chegarem nas novas terras, os colonos ingleses trouxeram consigo ideia enraizada de bruxas como servas do diabo, uma vez que na Inglaterra a bruxaria já era considerada um crime capital desde 1542. Dessa forma, muitas vezes os habitantes e os colonos acabavam trocando diversas suposições com relação às bruxas e seus perigos para a população.

A partir dessas suposições e de fatos não compreendidos por aqueles homens de fé, pessoas passam a ser perseguidas, acusadas de bruxaria e de fazerem pacto com Satanás. Tais especulações levaram ao julgamento e o silenciamento das vozes de centenas de mulheres.

Este estudo teve por objetivo analisar a relação entre o desenvolvimento de um novo sistema econômico e uma histeria genocida causada por religiosos, uma vez que o processo de inquisição foi um dos instrumentos usados para estabelecer as possíveis regras para o desenvolvimento do capitalismo.

Foi feita uma análise do processo de fuga dos puritanos para a América, buscando entender sua origem na Inglaterra.

E por fim foram apresentadas as causas que levaram os puritanos a realizar perseguições no norte dos Estados Unidos, apontando de que maneira o novo sistema econômico que estava sendo implantado no momento pode, ter sido uma dessas causas.

## 2. Reforma Protestante

A Reforma Protestante nasceu em um momento de conturbação, conflitos e ansiedades sociais. Para entender os motivos que levaram até esse acontecimento é importante que não sejam analisadas apenas as motivações que levaram a este fato, mas também a civilização onde o movimento tomou forma. (BLOCH, 2001, p. 28)

A circunstância em questão emergiu durante o período medieval, momento fortemente marcado por uma cultura religiosa que dominava todo o âmbito social da Europa. Era nítido o quanto a Igreja tinha influência em diversas esferas e fundia seus interesses com quase todas as decisões políticas, assim como também tinha domínio tanto da filosofia quanto das artes.

Naquele momento a Europa estava passando por uma grande crise, a população estava imersa em um intenso índice de violência, baixa expectativa de vida, constante desequilíbrio econômico, desigualdade social.

Entretanto, além das turbulências sociais, a Europa também estava passando por um momento de mudanças nos seus ideais políticos: o absolutismo e um novo sistema econômico ganhavam forças.

Devido ao absolutismo estar criando raízes nas sociedades feudais, emergiram conflitos contra a Igreja Católica. O fato de a Igreja Católica deter grandes extensões de terra e cobrar tributos feudais passou a ser uma problemática.

Visando manter o controle das igrejas e mosteiros locais de cada região, tal como as terras que ela possuía (estima-se que no início do século XVI esses imóveis correspondiam à um terço do território germânico e um quinto do território francês) e os valores que arrecadava, e ainda, sobretudo, adequar os ensinamentos transmitidos à suas realidades justificando assim o que mais lhes seria propício e vantajoso, o que implicava em não enviar mais divisas monetárias para Roma. (BURNS, 1982, p.564-568; DICKNES, 1971, p.78)

Naquele momento começaram as contestações e oposições à Igreja, tanto por parte da nobreza, quanto pela população. Outro ponto que desencadeou revoltas foram os dogmas adotados pelos católicos, já que o catolicismo condena práticas como a usura. Visto que a comercialização de produtos a preços muito altos a fim de gerar lucro e a cobrança de juros eram consideradas pecado, a burguesia mercantil, que por sua vez visava justamente o desenvolvimento de um novo sistema econômico, cujo um dos pilares principais é a lucratividade, se encontrava então em desvantagem.

A Igreja Católica mantinha posturas de hipocrisia, uma vez que julgava pecador todo aquele que almejava a luxúria e o lucro, enquanto cobrava indulgências em troca do perdão de Deus. Buscava implantar crenças na cabeça dos seus fiéis, os levando a comprar relíquias

sagradas, que de certa forma resultaram na glória econômica da própria Igreja, que passou a gerar lucros absurdos que a tornaram a grande senhora feudal.

Foi esse caos religioso e político que deu a um monge alemão o impulso que faltava para se pronunciar contra as ações tomadas pela Igreja Católica Apostólica Romana.

Martinho Lutero (1483-1546) foi o responsável por iniciar uma “revolta” e incentivar uma reforma dentro da Igreja Católica. O alemão era filho de pais católicos fervorosos, visto que sua família passava por dificuldades financeiras, Lutero se dedicou a estudar filosofia e direito para poder ajudar a família. (CSISZAR, 2015)

Em 1505 ingressou na ordem Agostiniana afim de cumprir uma promessa feita a Sant’Ana e tornou-se monge. Em 1507, o monge foi nomeado sacerdote e no ano seguinte estava ingressando na Universidade de Wittenberg para se dedicar a teologia. (CSISZAR, 2015)

Lutero não mediu esforços para espalhar a palavra de Deus, estudou e ministrou aulas e palestras teológicas na universidade de Wittenberg sempre se baseando nos ensinamentos bíblicos. Foi realizando leituras da bíblia que sem perceber, Lutero deu início a um movimento de reforma da Igreja Católica. (CSISZAR, 2015)

Em 31 de Outubro de 1517, Martinho Lutero fixou na porta da igreja de Wittenberg noventa e cinco teses contestando a venda de indulgências e outras práticas adotadas pela Igreja, convidando a comunidade acadêmica a debater sobre o assunto.

Lutero se posicionou contra diversas das doutrinas adotadas pelo catolicismo, dentre elas estava a venda de indulgências, utilizadas para conceber o perdão para os pecadores (CSISZAR, 2015), também contestou a atitude do Papa Leão X de oferecer indulgências a todos aqueles que contribuíssem com o financiamento da construção da basílica de São Pedro.

O monge apresentou profunda indignação perante as atitudes hipócritas da Igreja diante dos seus abusos materiais como a prática da simonia, a vida imprópria dos clérigos que, juntamente aos abusos morais cometidos pela Instituição e ainda a venda de indulgências, estavam se apresentando de forma oposta aos preceitos da própria Igreja Católica.

Diante da visão luterana, a ideia de pagar para receber o perdão de Deus é plenamente absurda, visto que, a fé é gratuita. Sendo assim, não existem cobranças para que se receba o perdão e se alcance a salvação, sua fé deve ser o suficiente para isso.

É importante destacar que por mais que Lutero apresentasse indagações perante algumas das atitudes tomadas pela Igreja, seu objetivo não era separar a Igreja Católica, ele buscava apenas fazer com que a Instituição refletisse sobre suas atitudes e seus problemas

morais. De forma resumida, Lutero buscava reformar a Igreja Católica, mas, naquele momento, diante de tantas crises religiosas e insatisfações, a população viu nessa reforma uma oportunidade de mudanças nos âmbitos políticos e econômicos e o resultado foi a divisão dos cristãos. “A última coisa na vida que Lutero queria fazer era começar uma nova igreja. Ele não era um inovador, mas um reformador”. (GEORGE, 1993, p. 87)

Graças à imprensa, que havia sido inventada a pouco tempo, as teses de Lutero não demoraram a se espalhar por toda a Europa ganhando seguidores e opositores. Logo suas teses chegaram às mãos do Papa. Diante disso, Martinho Lutero acabou por ser acusado de heresia. O teólogo foi contestado diversas vezes e manteve seus posicionamentos, acabando por ser excomungado.

Lutero foi julgado pelo Edito de Worms e precisou se refugiar no castelo de Wartburgo onde a nobreza simpatizava com seus ideais. Nesse momento de sua vida Lutero pode então se dedicar a traduzir a Bíblia do latim para o alemão a fim de torná-la mais acessível, visto que era preciso que os fiéis tivessem acesso às escrituras para que assim obtivessem uma relação íntima de fé com Deus.

A partir de então o território que futuramente viria a ser a Alemanha, apresentaria grande influência no desenvolvimento do protestantismo.

## **2.1 Calvinismo**

Após a Reforma Protestante iniciada por Lutero, e com a difusão propiciada pela imprensa, os ideais luteranos conquistaram muitos seguidores e conseqüentemente nasceram diversas vertentes da religião. Uma delas foi chamada de Calvinismo, fundada pelo francês João Calvino (1509-1564).

A vertente surgiu na Suíça, onde o teólogo francês se refugiou para poder se dedicar aos seus ideais religiosos e pregar suas doutrinas aos demais, uma vez que na França o ideal de tolerância religiosa não era praticado e, desta forma, Calvino poderia ser perseguido por apresentar posições favoráveis ao protestantismo, enquanto em Genebra o pensador teria a liberdade de expressão que procurava.

O pilar principal do Calvinismo se baseia na predestinação, isto é, defende que a salvação divina não recai sobre todos. A ideia é de que ao criar a humanidade, Deus predestinou todo aquele que seria escolhido para a salvação obtida pelo sacrifício de Jesus e quem estaria sujeito a condenação eterna. Não é possível saber previamente a qual grupo seu

destino está ligado, a única possibilidade existente é a de receber sinais divinos que indicam qual o seu juízo final e para isso é necessário que se tenha uma relação íntima com Deus.

De acordo com os ideais calvinistas, o homem não deve se render aos desejos da carne. Na realidade, o ideal é manter o autocontrole em relação aos prazeres, buscando sempre abster-se de qualquer ato que não seja condizente com as suas reais necessidades, para que desta maneira se obtenha um estilo de vida digno e seguro. Nesta vertente se condena tudo aquilo que é considerado exorbitante, bem como a luxúria. Em suma, condena todo ato de desperdício ou esbanjamento. (CATANI, 1980)

Se colocando de forma contrária ao catolicismo, os calvinistas buscavam valorizar o trabalho, condenando apenas os prazeres. Diante das doutrinas dessa religião, a glória de Deus é alcançada através do trabalho, desta forma, a única maneira de desonrar a Deus é se rendendo aos prazeres da carne e da matéria. Isto posto, é importante que se busque aproveitar o máximo do seu tempo com atividades produtivas, já que o uso do tempo em coisas inúteis acaba por resultar em um pecado mortal. Isto se justifica pela curta duração da vida, por isso, o homem deve se dedicar a seguir a Deus em busca de assegurar o seu lugar de “eleito” (CATANI, 1980).

Levando em conta que o homem deve manter uma vida baseada na castidade e solenidade a Deus, sendo que apenas os puros são dignos de receber a salvação, apresenta-se outro pilar desta religião, sendo este denominado como ascetismo, o qual afirma que o caminho para Deus é a disciplina do corpo e da alma (CATANI, 1980).

Calvino também afirma que a fé é uma conduta individual e que cada um deve ter sua relação direta com Deus, descartando a doutrina católica de que se depende do clérigo e da Igreja para que sua fé seja fortificada e que seu contato com Deus seja válido.

Diferente da concepção apresentada pelo catolicismo, de que o trabalho é uma maldição que deve ser exercido apenas para que o homem possa suprir as suas necessidades básicas, de forma que não competia a este conduzir o homem à salvação, já que os atos contemplativos e as orações eram mais importantes pois tinham a capacidade de unir fiel e divindade, o calvinismo, por sua vez, retifica que o homem não está neste plano para apenas contemplar, mas que deve cumprir sua tarefa neste mundo através do trabalho (CATANI, 1980).

Colocando tais ideias em questão, o calvinismo prega o dogma de “vocação”, termo este que passa a ser sinônimo de “profissão”.

Neste sentido, acredita-se que cada fiel recebeu uma vocação dada por Deus e que é dever de cada fiel desenvolvê-la ao máximo para que se exalte a glória divina. Essa doutrina acabou por resultar na valorização do trabalho, já que, partindo do ideal de que desenvolvendo sua vocação o fiel está adorando a Deus, o ato de trabalhar exaustivamente passa a ser um ato fervoroso de fé. “Contra-pondo-se à concepção cristã medieval preservada pelo catolicismo, que exigia como requisito fundamental o desprendimento dos bens materiais deste mundo, o protestantismo valorizava o trabalho profissional como meio de salvação do homem”. (CATANI, 1980, p.14)

O espírito calvinista valoriza não só o trabalho, bem como as riquezas resultadas dessa atividade. Todavia, tal riqueza não devia ser consumida, tampouco economizada para que fosse acumulada. Essa doutrina defende que as riquezas devem ser reinvestidas como forma de estímulo, para que assim sejam criadas formas de trabalho (CATANI, 1980).

Diante disto, CATANI (1980), conclui que o sistema capitalista seria a melhor maneira de fixar tais bases teológicas, onde a salvação é obtida através do trabalho e das riquezas alcançadas por meio deste.

Ao fazer uma análise dos dogmas da religião calvinista, pode-se cogitar que o calvinismo foi criado não apenas como uma reforma religiosa, mas também como uma maneira de favorecer os interesses da burguesia, que vinha emergindo naquele momento.

Em “*A ética protestante e o espírito do capitalismo*” (2013), Weber colocou João Calvino como teólogo do capitalismo, o autor também destaca que o protestantismo é o espírito do capitalismo, visto que as doutrinas calvinistas se apresentavam de forma favorável aos pilares do novo sistema que se formava, como por exemplo em relação ao lucro, acumulação de riquezas e o trabalho.

Segundo as interpretações weberianas, o capitalismo busca aumentar as riquezas com o intuito de acumular capital. O processo de enriquecimento tido por meio deste acúmulo traz uma sensação de segurança com relação à predestinação, é a partir daí é possível observar a relação entre as teologias de Calvino e o capitalismo (CATANI, 1980).

## **2.2 Calvinismo na Inglaterra**

Diante do fato do Calvinismo beneficiar a burguesia, sua ideologia se disseminou rapidamente por toda a Europa Ocidental apresentando diferentes nomenclaturas. A vertente retratada aqui está localizada na Inglaterra e se denomina: Puritanismo.

O movimento recebe esta definição, pois se apresentava de forma radical perante as doutrinas de luta contra o mal, o pecado e a carne, o ascetismo para se alcançar a vida superior, o autocontrole contra os prazeres dentre outros dogmas protestantes. De forma sucinta, eram chamados puritanos todos aqueles que agiam de forma radical ao rejeitarem os prazeres do mundo.

O traço predominante da Reforma na Inglaterra é o sistema reformado ou calvinista, sob o signo particular do Puritanismo. O calvinismo implantou-se nas partes da Europa onde havia maior desenvolvimento intelectual e humanístico. O princípio básico era de que a vontade de Deus, revelada na Bíblia, devia ser realizada. Assim, o luteranismo ressaltou o quietismo e que a função da Igreja seria a de oferecer o Evangelho e ministrar os sacramentos. Já o calvinismo valorizava a ação e a execução da vontade de Deus nos indivíduos e na sociedade. A reforma da Igreja na Inglaterra, todavia, foi conservadora, porque manteve o velho sistema de governo da Igreja e muitas das antigas formas de culto. Por isso, o partido dos puritanos desejava reformas mais radicais, tais como: simplificação do culto, abolição do episcopado, adoção do sistema presbiteriano de governo, congregacionalismo e disciplina rigorosa. (MENDONÇA, 1997, p. 59).

Em 1527, visando alcançar seus interesses pessoais e políticos, o rei Henrique VIII por meio do Ato de Supremacia, rompeu com a Igreja de Roma e fundou a Igreja Anglicana que, por sua vez, passou a ser a igreja oficial da Inglaterra. Todavia, por mais que o monarca alegasse que sua religião era reformista, era inegável que suas doutrinas eram as mesmas do catolicismo com a única diferença que, no Anglicanismo, a igreja deixa de ser detentora do poder e o Estado recebe protagonismo político.

A princípio, Henrique VIII buscou favorecer a Reforma, mas depois, de 1539 a 1547, moveu uma perseguição aos protestantes. Em 1539, foram aprovados pelo Parlamento os Seis Artigos, que tornavam obrigatória a crença em doutrinas características da Igreja Católica Romana: a transubstanciação, a comunhão sob uma espécie, o celibato e a confissão auricular. Na teologia, a Igreja continuou fiel a Roma. O rei morreu doutrinariamente católico romano. A Reforma, então, teve início na Inglaterra pela autoridade do rei e do Parlamento (FERREIRA, 1999, p. 28).

Após diversas tentativas frustradas de conceber um herdeiro homem que assumisse o trono em seu lugar e desse continuidade à sua dinastia, Henrique VIII teve, com Jane Seymour, um filho que assumiria o trono após sua morte.

Todavia, Eduardo VI que reinou em 1547 era uma criança enferma, desta forma, quem assumiu no seu lugar foi seu regente, o Duque de Somerset, que por sua vez, simpatizava com o protestantismo e acabou por fazer mais algumas mudanças dentro da Igreja Anglicana.

Contudo, o desenvolvimento da reforma foi interrompido quando a católica fervorosa Maria Tudor, filha de Henrique VIII com Catarina de Aragão, ascendeu ao trono. A nova rainha não demorou a reconstituir o catolicismo na Inglaterra e passou a perseguir os protestantes.

Após o reinado de Maria Tudor, quem assumiu o trono foi sua meia irmã Elisabeth I, filha de Ana Bolena. Em seu reinado, Elisabeth buscou retomar o protestantismo na Inglaterra e adotou a doutrina Calvinista e a liturgia reformada.

Contudo, as mudanças adotadas pela nova rainha não foram o suficiente para acabar com os conflitos e divisões teológicas dentro da Igreja da Inglaterra. A reforma religiosa de Elisabeth I "[...] fora cautelosa porque a rainha não desejava que o abalo fosse grande ao ponto de desagradar muita gente. Embora a teologia fosse reformada, o sistema de governo hierarquizado tradicional e as antigas formas de culto foram mantidas" (MENDONÇA, 1984, p. 35).

Visto que mais uma vez a reforma inglesa foi feita pela metade, os puritanos se encontravam insatisfeitos. Esperavam que com a ascensão de Elisabeth ao trono novas mudanças chegassem e levariam a uma retomada política acompanhada de novas reformas, mas isso não aconteceu e as medidas tomadas não foram o suficiente.

A política pouco radical do governo em relação à religião gerava grupos de oposição, aqueles que defendiam reformas mais profundas para a Igreja da Inglaterra: "pessoas que haviam fugido para o Continente, principalmente para Genebra, durante as perseguições desfechadas pela Rainha Maria, ali entraram em contato direto com movimentos protestantes que tinham ido muito mais longe em suas reformas do que a Igreja da Inglaterra" (MENDONÇA, 1984, p. 35),

Após a morte de Elisabeth I que não deixou herdeiros, quem assumiu o trono foram os Stuarts por própria indicação de Elisabeth, primeiro Jaime e depois Carlos.

Ao chegarem ao trono, os Stuarts receberam a Inglaterra em um momento de brilhantismo, sendo uma potência de segunda linha, enquanto a situação da Europa era de crises e decadências.

A dinastia Stuart decidiu que reinaria a seu modo e acabou por entrar em conflito com o Parlamento por questões políticas e econômicas. Buscaram aliar novamente a Inglaterra à



Espanha católica e passaram a perseguir os puritanos dentro e fora do Parlamento, trazendo junto ao seu reinado mais uma vez as sombras do catolicismo para as terras inglesas. Muitos puritanos buscaram segurança na América, enquanto outros continuaram na Inglaterra, desistiram de lutar por suas ideias e decidiram dedicar suas vidas a um novo propósito: salvar almas.

De acordo com os estudos de CAMPOS (2006), o comandante do exército inglês Oliver Cromwell era reconhecido por todos como “eleito de Deus”, foi ele quem tomou a frente da primeira revolução burguesa da história moderna e que posteriormente viria a se tornar o primeiro ditador totalitário moderno. Naquele momento, o comandante dedicava seus esforços a conquistar apoio político, econômico, militar e religioso dos puritanos, para que assim seus ideais revolucionários fossem levados a diante, visto que o puritanismo estava ocupando cada vez mais espaços no poder parlamentar.

Apesar de suas tentativas, Carlos I não foi capaz de despertar na população a ira contra os puritanos e trazer de volta a fé católica. Na realidade, o que acabou acontecendo foi uma população organizada a favor dos puritanos e contrária ao rei, tornando possível a revolução liderada por Cromwell.

Com a chegada do partido puritano ao poder durante a reforma inglesa, se teve a elaboração da Fé de Westminster que consistia no pedido da formulação de uma confissão para a Igreja Anglicana. Era simplesmente um resumo da doutrina calvinista, cuja bases teológicas da argumentação consistia na teologia do pacto.

Por fim, as decisões parlamentares foram de que seria adotado o modelo de doutrinas presbiteriana dentro Igreja da Inglaterra. Fato este que resultou na expansão presbiteriana pelo mundo, visto que seus posicionamentos poderiam ser facilmente adaptados diante de diversas situações sociais e políticas vigentes nos futuros países a serem alcançados.

Ao passarem pelo processo de fuga durante o reinado de Maria a sanguinária, os puritanos tiveram contato com diversas doutrinas e ideais os quais carregaram consigo de volta para a Inglaterra, a fim de reformar de maneira mais eficaz a Igreja Anglicana. Levando estas condutas, após chegarem ao poder, os puritanos passaram a exigir que a moral calvinista fosse seguida por todos os cidadãos.

Meu ponto de vista é que o verdadeiro puritanismo – que não é meramente teórico ou acadêmico – jamais pode contentar-se, tranquilo, em ser uma simples ala ou ênfase de uma igreja episcopal abrangente, mas sempre terá que terminar no presbiterianismo ou na independência (LLOYD-JONES, 1993, p. 264).

Desta maneira, pode-se dizer que o puritanismo foi um movimento integrado em sua maioria pela burguesia que se contrapondo aos ideais “reformistas” da Igreja Anglicana buscou levar a reforma verdadeira e calvinista para a Inglaterra.

### **3. Inquisição Puritana**

Tratando-se de Inquisição, é muito comum que os primeiros pensamentos sejam relacionados aos atos cometidas pela Igreja Católica Apostólica Romana na Europa no início do século XIII. Entretanto, este não foi um fato particular do catolicismo europeu.

Os protestantes, que de início foram perseguidos e gritaram pela liberdade religiosa, foram bastante contraditórios em sua história. Esse grupo religioso acabou reproduzindo as mesmas intolerâncias sofridas perseguindo e torturando aqueles que renegassem as vozes ecoadas de João Calvino.

ZWEIG (1953 e 1956), busca mostrar em suas obras como ocorre o processo da formação de lideranças religiosas que caminham até a tirania. Segundo o autor, é fácil compreender a alienação da massa. Quando as pessoas se encontram em um momento de complicações e anseios, buscam uma maneira de fugir do peso de precisar lidar com aqueles conflitos sociais, para isso, a população passa a buscar por um “sistema definitivo” que os poupe dessa responsabilidade de pensar e se posicionar.

Uma sociedade ansiosa por uma “cabeça que pense pelo todo” é na verdade o terreno fértil para que líderes sociais e religiosos, que se autointitulam “Messias” e plantem sua semente autoritária. Não é necessário mais que um discurso pronto afirmando a possibilidade de um homem ter as respostas para os problemas da humanidade e que em suas mãos se encontra o caminho para o perdão de Deus e a salvação eterna, para que milhares de pessoas entreguem sua confiança para o suposto escolhido. Aquele que recebe o papel de salvador tem o poder de fazer com que todos acreditem nas ilusões das suas palavras e logo, a massa se encontra rendida e deixando ser dominada, abandonando sua liberdade e livre arbítrio. (ZWEIG, 1953)

Essa característica típica ocorreu durante o nascimento de diversas vertentes religiosas, e não foi diferente quando se tratou do protestantismo de Lutero e Calvino.

Durante seu período de influência em Genebra, Calvino espalhou terror e passou correntes através das suas rígidas disciplinas religiosas, utilizando de prisões, torturas e excomunhões para castigar todos que ousassem contrariar seus princípios.

ZWEIG (1956) apresentou alguns dados com relação às atitudes obscuras cometidas durante um período da inquisição protestante. O autor destaca que durante os primeiros cinco anos em que o poder esteve sob dominação calvinista, treze pessoas foram enforcadas, dez pessoas foram decapitadas e trinta e cinco foram queimadas vivas, além das setenta e seis exiladas. Já com relação às excomunhões, SEFFNER (1993), relatou que a média era oitenta por ano entre 1551-1554 e subiu para cerca de trezentas no ano de 1559.

O ato de excomungar um fiel naquele momento era tão opressor e humilhante quanto as torturas e a prisão, já que em uma sociedade totalmente movida por uma moral religiosa, ser excomungado é o mesmo que ser expulso do rebanho de Cristo, resultando na exclusão social do herege. Esse ritual ainda era justificado por meio de trechos bíblicos como por exemplos as passagens de Levítico 26:14-45 e Deuteronômio 28:15-53, onde se lê:

Será, porém, que, se não deres ouvidos à voz do Senhor, teu Deus, não cuidando em cumprir todos os seus mandamentos e os seus estatutos que, hoje, te ordeno, então, virão todas estas maldições sobre ti e te alcançarão: Maldito serás tu na cidade e maldito serás no campo. [...] Maldito o fruto do teu ventre, e o fruto da tua terra, e as crias das tuas vacas e das tuas ovelhas. Maldito serás ao entrares e maldito ao saíres. O Senhor te ferirá com úlceras malignas nos joelhos e nas pernas, das quais não te possas curar, desde a planta do pé até ao alto da cabeça [...].

Sabe-se que a vida de Calvino foi baseada em princípios puros, privada de lazer e prazeres, totalmente dedicada ao trabalho e a Deus. A partir disso, o francês define que a sua maneira de viver é a mais correta e aceita aos olhos de Deus, sendo assim, exige que todos adotem seu modo de vida a partir de um código de conduta.

Diante disto, foram proibidas todas as formas de lazer e datas comemorativas, incluído as festividades religiosas como a Páscoa e o Natal, para Calvino, Deus não era uma figura a ser amada ou festejada, mas sim, temida. Para o fiel, apenas era permitido o trabalho e a devoção a Deus. Exigia-se o comparecimento de todos à igreja duas vezes aos domingos e três vezes ao longo da semana e todo aquele que quebrasse tal regra seria devidamente punido. (ZWEIG, 1956)

Calvino também tratou de elaborar uma espécie de catecismo contendo todos os dogmas da sua religião, tal qual, todos deveriam seguir. Era ordenado que os fiéis fossem conduzidos até a igreja em grupos de dez para que fizessem seus juramentos aceitando carregar o dever de seguir aquele novo padrão de vida designado. Qualquer ato de desobediência poderia levar a excomunhão ou exílio. Pecados como a fornicação eram punidos com exílio ou afogamento; já o adultério, a blasfêmia e a idolatria passaram a ser punidos com a morte. (DURANT, 2002)

Visto que era necessário manter o controle de todos para que ninguém fugisse das regras impostas, criou-se a chamada “polícia religiosa”, estes agentes estariam infiltrados em todos os lugares e seriam incumbidos de vigiar e punir todo aquele que contestasse ou desrespeitasse as doutrinas calvinistas.

A cada nova medida imposta mais crescia a opressão, a falta de liberdade de expressão e privacidade. A polícia religiosa tinha permissão para invadir os lares de quem quer que fosse a qualquer hora. Fiscalizavam se os moradores estavam agindo dentro dos padrões e se sabiam de cor as suas orações. Analisavam as vestimentas, cabelos e adornos das mulheres, para certificar de que estavam de acordo com a “pureza e decência” exigida. Fazia-se a checagem nas cozinhas das famílias para ter certeza de que seguiam o regime alimentar. Buscava-se qualquer tipo de sinal que pudesse ser considerado uma transgressão: livros proibidos, imagens de santos etc.

Também eram comuns os interrogatórios, nos quais os servos respondiam por seus padrões e os filhos sobre seus pais, para que se conhecesse a moral daquele homem pelos olhos daqueles que eram submissos a ele. Aos domingos, era papel da polícia averiguar todas as casas e afirmar se todos haviam participado da pregação de Calvino. Estavam presentes como espiões dentro das igrejas, observando todo aquele que saia despercebido antes da hora. Nem mesmo se respeitavam as cartas, que deviam ser violadas e averiguadas assim que chegassem em Genebra.

Tais medidas ditatoriais e censuras escancaradas, acabaram por resultar em inúmeras condenações extremamente banais, como se não fosse brutal o suficiente açoitar pessoas por contestarem sobre suas doutrinas, houve aqueles que foram condenados por atos simples do dia a dia, como sorrir durante um batismo; jogar bola e brincar ou até mesmo por acabar cochilando em um culto após um dia cansativo de trabalho.

A forma como Calvino controlava sua comunidade com mãos de ferro era perfeitamente justificada por princípios bíblicos, já que, de acordo com o autor, Deus devia ser visto como uma figura impassiva e vingativa, (LUZ, 2011). fato este que podia ser usado para cobrir qualquer atrocidade cometida em nome de Deus.

Isto posto, é importante deixar claro que uma das bases do protestantismo calvinista foi manter Igreja e Estado lado a lado, já que Calvino implantou a ideia de que essas duas instituições tinham papel divino e de acordo com as vontades de Deus deveriam estar em constante harmonia, como corpo e alma de uma sociedade cristã, sendo papel da igreja manter

os princípios da moral e da fé, enquanto o Estado se responsabilizaria por manter a ordem através de leis e regras (DURANT, 2002).

Enquanto Calvino ostentava uma figura que negava qualquer vaidade e prazer, Lutero se permitia alguns prazeres da vida, todavia, assim como seu seguidor, ele também mantinha um grande apreço pelo totalitarismo e a violência, costumava dizer que havia nascido para a guerra e para lutar contra facções e contra os diabos. (DURANT, 2002)

Lutero também não escondia suas opiniões e era, assumidamente, um antissemita. Fez questão de afirmar diversas vezes que os judeus eram descendentes do diabo e também eram pecadores duros como o próprio satanás, e sendo assim, era inegável que estes iriam direto para o inferno. (JORGE, 2008).

Além disso, o alemão defendia que para um bom funcionamento da sociedade era necessário que houvesse diferentes classes sociais e que a igualdade estaria fora de cogitação e justificava todos os seus discursos de injustiça através da bíblia.

[...] Abraão e outros patriarcas não tinham escravos? [...] Portanto, vosso terceiro artigo é inoperante diante do Evangelho. Este artigo deveria tornar todos os homens iguais, e isto é impossível. Pois um reino terreno não pode sobreviver se não houver nele uma desigualdade de pessoas, de modo que algumas sejam livres, outras presas, algumas soberanas outras súditas. (SEFFNER, 1993, p. 46)

Além de incitar a violência e as injustiças sociais abertamente, Lutero também se mostrava totalitário e intolerante. “Não admito que minha doutrina possa ser julgada por quem quer que seja, nem mesmo pelos anjos. Aquele que não aceita minha doutrina não pode ser salvo” (DURANT, 2002, p. 353).

#### **4. Os puritanos na América: desenvolvimento das colônias do norte dos Estados Unidos**

Diante do cenário de caos religioso, onde os puritanos estavam demonstrando todo seu descontentamento frente as hipocrisias cometidas pela Igreja Anglicana, e perante as perseguições religiosas sofridas, os puritanos passaram a crer que a única maneira possível de purificar a igreja da Inglaterra seria refundando a Instituição em outro lugar.

Levantando novas ideias baseadas nos livros de Êxodo, onde os Hebreus do Egito fogem para a terra prometida de Canaã, John Winthrop acaba por nomear os puritanos o novo povo eleito, incumbido por Deus de fundar uma sociedade de escolhidos que comporia a “terra prometida”.

Em toda a Bíblia procuravam as afirmativas de Deus sobre a maneira como Ele escolhia os seus e as repetiam com frequência. Tal como os hebreus no Egito, também eles foram perseguidos na Inglaterra. Tal como os hebreus, eles atravessaram o longo e tenebroso oceano, muito semelhante à travessia do deserto do Sinai. Tal como os hebreus, os puritanos receberam as indicações divinas de uma nova terra. (KARNAL, 2007. p.39).

Foi com esse impulso de fundar a Igreja em outro lugar e fugir das perseguições sofridas na Inglaterra que os puritanos, que passariam a ser conhecidos como "pais peregrinos", deram início à grande expedição para a América. "Os 'pais peregrinos' (pilgrim fathers) são tomados como fundadores dos Estados Unidos. Não são os pais de toda a nação, são os pais da parte "wasp" (em inglês, white anglo-saxon protestant, ou seja, branco, anglo-saxão e protestante) dos EUA" (KARNAL, 2007. p.39)

KARNAL (2007) relata que, um grupo de puritanos a bordo do navio Mayflower liderado por John Robinson, William Brewster e Willian Bradford, desembarcou em 1620 na região onde se localizariam as colônias do norte daquele embrião que futuramente seria os Estados Unidos e fundou o território que foi chamado de "Nova Inglaterra".

As colônias do norte, diferentemente das do Sul, seriam colônias de povoamento, o objetivo principal dos peregrinos era criar uma sociedade de escolhidos para purificar a Igreja longe das hipocrisias inglesas, além disso, o território do norte era de clima frio e pouco propício para o desenvolvimento de uma agricultura rentável, então, não atraiu os olhos da coroa inglesa, o que gerou uma certa autonomia de governo para os 'pais fundadores'.

Diante de uma negligência salutar, os puritanos poderiam governar seu território de forma autônoma. Visto que, para aquele grupo religioso, a manutenção da ordem era dada como parte da missão de Deus, aquele território seria governado com "mãos de ferro" (MILLER e JOHNSON, 1963). Portanto, a nova sociedade fundada na América seria de governo hierárquico, aristocrata e autoritário, que considerava livre apenas os homens membros da congregação.

Considerando o fato daquela região não reter grandes terras agrícolas, sua economia foi muito baseada em pequenos comércios, plantações de subsistência e manufaturas. O Norte também se dedicou a fundar indústrias para evitar a importação de matéria prima a fim de poupar gastos e produzir aquilo que eles consumiriam dentro do seu próprio território. Esse fato resultou em uma independência econômica muito maior para a região, possibilitando que eles realizassem comércio com qualquer país.

Os puritanos do Norte também passaram a investir no "comércio triangular" – comércio feito entre as colônias do Norte, as colônias do Sul, África e as Antilhas -. As

colônias do norte compravam melação nas Antilhas para realizar a produção de rum que seria vendido para a África em troca de escravos para serem comercializados para as Antilhas e as colônias do Sul.

Os fiéis enxergavam o lucro e o trabalho como uma dádiva de Deus, desta forma, os puritanos estavam sempre buscando o desenvolvimento das suas colônias investindo não só na economia como também na educação que era considerada um fator muito importante para a criação dessa nova sociedade de eleitos, pois todo fiel devia saber ler para ter acesso às escrituras.

Sendo um projeto principal do Velho satanás manter os homens distantes do conhecimento das Escrituras, como em tempos antigos quando as tinham numa língua desconhecida [...] se decreta para tanto que toda municipalidade nesta jurisdição, depois que o senhor tenha aumentado sua cifra para cinqüenta famílias, dali em diante designará a um dentre seu povo para que ensine a todas as crianças que recorram a ele para ler e escrever, cujo salário será pago pelos pais, seja pelos amos dos meninos seja pelos habitantes em geral. (KARNAL, 2007. p. 40)

Além da economia e educação, o fator que levou os puritanos a migrarem para a América com uma missão divina, também foi muito importante para caracterizar aquele território. A ideia de que os peregrinos foram escolhidos por Deus para fundar a nova terra prometida e desenvolver uma sociedade de eleitos, acabou por se tornar um veículo ideológico. Os fiéis acabaram por tomar para si a função de garantir o bem-estar social como uma missão, o resultado foi uma espécie de messianismo, colocando os puritanos como responsáveis por exterminar tudo aquilo que fosse maléfico. Seu objetivo era fundar a verdadeira e pura igreja de Deus na terra. (RESENDE, 2009)

Foi partindo desse ideal de missão e predestinação que acabou nascendo a intolerância. MILLIE e JOHNSON (1963) ressaltam que os puritanos realmente se achavam os donos de toda a verdade, por isso se tornaram implacáveis contra tudo aquilo que era considerado imoral, falso e corrompido dentro do cristianismo.

Os puritanos também apresentavam a ideia de que na sua sociedade, o individualismo e o coletivismo deveriam ser tratados de forma conjunta, enquanto o seu lugar de “escolhido” era obtido de forma individual, as vivências de cada fiel poderiam afetar o coletivo. Assim como no relato do pecado original, onde Adão e Eva comeram do fruto proibido, o que acabou resultando na quebra de sua aliança com Deus e levou a condenação de todos os seus descendentes ao pecado, as atitudes cometidas de forma individual podem acarretar consequências no coletivo.

Para a mente puritana, não era possível separar a vida espiritual de um homem da vida em grupo. Massachusetts foi fundada por razões religiosas, mas como anunciou John Winthrop, as razões religiosas incluíam “uma forma de governo tanto civil quanto eclesiástica” e a civil era tão importante quanto a eclesiástica a seus olhos.” (MILLER e JOHNSON, 1963, p. 181)

Isto posto, Winthrop defendia que se os indivíduos estivessem no estado de natureza, sendo este em pecado original, eles estariam dispostos a matar, roubar, difamar etc. então, para que o bem-estar de uma sociedade sagrada e pura fosse zelado, era de grande importância que se fundasse normas e leis às quais todos se submeteriam.

MILLER E JOHNSON (1963) também alegam que as colônias americanas e, em especial, a colônia de Massachusetts, vivenciaram uma sociedade ditatorial. Os puritanos nunca negaram que seu governo fosse uma ditadura, mas essa não era governada por um tirano, pelo contrário, era governada por um grupo de homens religiosos que aceitaram livremente viver sob tal regime, portanto, todo aquele que contrariasse o sistema ou alegasse que Deus teria propósitos diferentes daqueles impostos pelos puritanos deveria ir para bem longe da Nova Inglaterra e seus fiéis.

## **5. A Inquisição Protestante na América: O caso de Salém**

Após uma breve análise dos padrões sociais e religiosos daqueles que colonizaram o norte dos Estados Unidos relata-se um dos mais famosos e aterrorizantes casos de intolerância religiosa, o caso das memoráveis bruxas de Salém, em 1692.

Alguns fatores devem ser destacados neste momento para uma plena compreensão, como por exemplo: a fé protestante que vinha enfraquecendo.

Desde o início da colonização a população havia crescido consideravelmente, novas gerações habitavam aquelas terras, diversas memórias e histórias acompanhavam o caminhar daquelas pessoas. (MORAIS, 2015)

Por conseguinte, a fé ardente que motivou os peregrinos a buscarem a nova Canaã foi se perdendo e a luta dos líderes religiosos agora, era para manter aquela chama acesa no coração de seus fiéis.

Além disso, outros fatores poderiam ser um obstáculo. Após a Guerra dos Nove anos, ocorrida em 1689, a colônia se encontrava em cenário de caos e tensões econômicas. Isto posto, massas de refugiados estavam à procura de um abrigo e segurança longe da Guerra, estes, encontraram na Vila de Salém sua nova morada. (MORAIS, 2015)

Para aquelas famílias, esta era uma nova oportunidade de viver, todavia, para os moradores de Salém, os refugiados eram na verdade o motivo de novos problemas.



Sabe-se que a inquisição não pregava seu discurso diretamente às mulheres, mas sim a todos aqueles considerados hereges, a pessoa que fugisse do controle e das normas impostas pela Igreja. Todavia, é inegável que neste processo a Igreja tratou de desdenhar a imagem da mulher, em particular as mulheres livres, aquelas que buscavam por conhecimento, liberdade de seus corpos e opiniões e que eram vistas como perigosas para o Estado. (FEDERICI, 2017)

Como destacado anteriormente, estes fatos eram constantes no desenvolvimento das religiões cristãs e o mito das bruxas detentoras do mal era comum entre todos eles, desde o Rei James I, responsável por escrever um livro, onde descreveu as características das feiticeiras até o mais humilde dos camponeses. (KARNAL, 2007)

Em 1641, criou-se o chamado “Código de Liberdades” em Massachussetts, este pontuava um total de doze crimes capitais, dentre eles, destaca-se a bruxaria, o crime por magia era justificado por um trecho da bíblia “Não deixarás que vivam bruxas” (MORAIS, 2015)

As mulheres penalizadas por infringirem este código não eram mortas simplesmente, elas eram humilhadas, pressionadas e torturadas até seu último suspiro. Veja um trecho do manual das bruxas da época, o *Malleus Maleficarum*:

Se após a devida sucessão de tortura a acusada se recusar a confessar a verdade, caberá ao juiz colocar diante dela, outros aparelhos de tortura e dizendo-lhe que terá que suportá-los se não confessar. Se então não for induzida pelo terror a confessar, a tortura deverá prosseguir no segundo ou terceiro dia, mas não naquele mesmo momento, salvo se houver boas indicações de seu provável êxito”. (KRAMER & SPRENGE, 1991, p. 443)

Segundo as palavras do historiador Herbert Aptheker, “[...] a colônia estava conforme à lei de toda a Europa e, na verdade, de toda a cristandade. [...]” (APTHEKER, 1967, p. 122). Desta forma, conclui-se que apesar do reconhecimento desse fato em particular, não foi algo isolado.

Os casos de acusações de bruxaria começaram a tomar proporções em Salém em fevereiro de 1692, quando um grupo de meninas acusou outras mulheres de enfeitiçá-las. (KARNAL, 2007).

Diante de uma fé enfraquecida, algumas jovens foram tomadas pela curiosidade e perderam o medo de se envolver com o ocultismo ou se relacionar com religiões pagãs, agindo fora da moral cristã imposta pelos protestantes da época. Todavia, o gosto da liberdade duraria pouco.

Os relatos se iniciam com Tituba, escrava vinda de Barbados junto da família do reverendo local Samuel Perris, conhecido por ser arrogante e extremamente rígido. A escrava

tinha muito apreço pela filha mais nova da família, Elisabeth Perris. Ela costumava contar histórias de sua cultura, cantar canções típicas de Barbados para animar os dias de Beth e sempre cuidou muito bem da pequena menina.

Abigail Willians, prima de Elisabeth também vivia com a família, mas nunca teve muita afinidade com Tituba, era uma criança arrogante e prepotente assim como o tio. Porém, em algum momento, a menina de 11 anos e as amigas começaram a demonstrar interesse pelas histórias, canções e sabedoria que a escrava compartilhava com a pequena Beth. (SCHIFF, 2019)

Curiosas sobre como Tituba conseguia curar enfermidades com chás especiais, encantadas pelas músicas e pela comida única da mulher, as meninas enxergavam naqueles momentos secretos uma forma de fugir da rigidez de suas famílias e da sociedade que as impedia de aproveitar a juventude.

Porém, toda a alegria ao dançar e cantar à luz da lua cessariam quando relatos estranhos e inexplicáveis comessem a pairar pela vila.

Em janeiro de 1692, Elisabeth e Abigail começaram a apresentar alguns comportamentos estranhos e suspeitos que ninguém sabia explicar a origem. As meninas gritavam, se contorciam e diziam estar sendo picadas por insetos constantemente e muitas vezes apresentavam dificuldades para acordar pela manhã. (SCHIFF, 2019)

Após alguns dias de surtos sem apresentarem um motivo aparente, o reverendo Perris decidiu que seria propício solicitar a ajuda de um dos melhores médicos locais para averiguar o que realmente estava acontecendo com as meninas.

Ao examiná-las, o Doutor Griggs não encontrou nenhum fator físico que pudesse explicar aqueles acontecimentos, o veredito final do especialista acabou por ser: possessão. Segundo o médico, as meninas estavam sendo afetadas por algum fenômeno sobrenatural, e estavam sendo influenciadas por algum feitiço. (KARNAL 2007)

Impressionantemente, após o laudo final das duas meninas, o surto de possessão acabou se espalhando e afetando todas as outras jovens em questão. Os historiadores afirmam que o surto se espalhou por histeria, estresse e culpa, mas naquele momento, o grito ecoado julgava ser bruxaria. (SCHIFF, 2019)

As coisas em Salém começaram a piorar, além do grupo de possuídas, as árvores começaram a secar, plantações com pragas e animais morrendo, e a ideia de que o mal havia chegado em Salém só crescia. (KARNAL, 2007)

Diante daquele cenário e do desespero local, a igreja usou do seu poder e instalou um julgamento para punir quem havia causado todo aquele caos nas terras sagradas dos puritanos.

Karnal descreveu em seu livro como ocorreriam os tais julgamentos genocidas.

[...] Alguém era acusado de feitiçaria e comparecia diante do juiz. O juiz fazia o acusado e as vítimas (as moças aflitas, como eram usualmente chamadas) ficarem frente a frente. Era comum as moças terem um novo ataque histérico diante do suposto feiticeiro. Os acusados eram enviados à prisão [...] o acusado era examinado. Havia uma crença generalizada de que a associação com o demônio produzia marcas no corpo: um tumor, uma mancha, regiões que não sangravam, polegar deformado. [...] (KARNAL, 2007, p. 52)

Algo muito relevante a se destacar é o fato de que os tribunais do julgamento eram sempre compostos por homens cristãos brancos e burgueses.

Perante as pressões dos religiosos para que as meninas apontassem os nomes de quem as atormentava, começaram a surgir as primeiras acusadas, estas eram a escrava Tituba, a mendiga Sarah Good e Sarah Osborn uma velha pobre. (SCHIFF, 2019)

As três mulheres passaram por diversos exames onde as possuídas estiveram presentes como testemunhas para que as autoridades locais encontrassem algum sinal que comprovasse que elas tinham algum pacto com o mal e que eram culpadas, mesmo sem encontrar evidências elas foram enviadas para uma cadeia em Boston para esperar por seu julgamento. (SCHIFF, 2019)

Tituba acabou se esgotando por pressão e medo e acabou encontrando na confissão uma forma de se proteger, por mais que a história da escrava entrasse em contradição diversas vezes, ela tratou de dar detalhes sobre os seus trabalhos e o seu pacto com o diabo.

- Tituba, com qual espírito do mal você mantém amizade?
- Nenhum
- Por que atormenta essas crianças?
- Eu não as atormento
- Quem as atormenta então?
- O Demônio, pelo que sei.
- Você viu o Demônio?
- O Demônio veio me ver e ordenou que eu lhe servisse.
- O que você viu?
- Quatro mulheres atormentando as crianças.
- Quem são elas?
- Sarah Good, Sarah Osborne são as que eu conheço. Não conheço as outras. Sarah Good e Sarah Osborne queriam que eu atormentasse as crianças, mas me recusei. Também havia um grande homem de Boston, muito grande.
- Quando você os viu?
- Na última noite em Boston.
- O que eles disseram?
- Me disseram para atormentar as crianças.

- E você obedeceu?
- Não. São quatro mulheres e um homem que atormentaram as crianças e eles estão se escondendo atrás de mim e me disseram que, se eu não as atormentasse, eles me machucariam.
- Então, você lhes obedeceu?
- Sim, mas eu não vou fazer mais isso
- Você se arrepende do que você fez?
- Sim!
- Então por que fez?
- Porque me disseram que, se eu não atormentasse as crianças, eles me machucariam mais ainda.
- Quem?
- Um homem veio até mim e me ordenou que eu o servisse.
- De que maneira?
- Torturando as crianças e, na última noite, houve uma aparição que ordenou que eu as matasse e, se não obedecesse, disse que me machucaria mais ainda.
- Como era essa aparição?
- Às vezes era como um Javali, às vezes como um cão enorme.
- E o que ela te disse?
- O cão preto me disse para obedecer, mas eu disse a ele que eu tinha medo e então ele me disse que, se eu não obedecesse, ele me machucaria mais e mais ainda.
- O que você respondeu?
- Que eu não queria servir a ele, então ele disse que me machucaria e ele se transformou num homem e ameaçou me machucar. Esse homem tinha um pássaro amarelo e me disse que tinha mais um monte de coisas bonitas e que me daria tudo se eu o servisse.
- Que coisas bonitas?
- Ele não me mostrou.
- E depois, o que você viu?
- Dois ratos, um vermelho e um preto!
- E o que eles disseram?
- Que eu os servisse.
- Quando você os viu?
- Na noite passada, e eles me disseram que eu deveria servir os dois, mas eu me recusei.
- Servir de que maneira?
- Torturando as crianças
- Você beliscou Elisabeth Hubbard essa manhã?
- O homem baixou em mim e me fez beliscá-la.
- Por que você foi à casa de Thomas Putnam na noite passada e machucou sua filha?
- Eles me puxaram e me empurraram e me obrigaram.
- Chegando lá, o que você tinha que fazer?
- Matá-la com uma faca.
- Como você chegou à casa de Thomas Putnam?
- Eu peguei minha vassoura e estavam todos como eu.
- E como você conseguiu passar pelas árvores?
- Isso não importa. (CONDÉ, 2020, p. 155, 156, 157).

Mesmo que este trecho tenha sido retirado de um livro de romance, esta confissão foi retirada de um documento original que pode ser encontrado nos Arquivos do Condado de Essex.

A confissão de Tituba acabou instigando a ideia de que ainda haviam outras bruxas soltas em Salém, gerando ainda mais pânico.

Pouco tempo depois da confissão, uma menina de treze anos chamada Anne Putnam entregou um novo nome: Martha Correy. Após a acusação de Anne, as possuídas passaram a

apontar cegamente várias outras mulheres, resultando em um número sem precedentes de acusações. (SCHIFF, 2019)

As acusadas não seguiam um perfil específico nem uma faixa etária linear, podendo variar de uma menina de quatro anos chamada Dorcas Good, acusada de estar se vingando de ter sido separada de sua mãe, a suposta bruxa Sarah Good, considerando também Elisabeth Proctor de 47 anos e neta de uma mulher considerada bruxa, até Rebecca Nurse de 71 anos, filha de uma possível bruxa. (SCHIFF, 2019)

Além disso, a partir da acusação de Sarah Good, começaram a surgir apontamentos de familiares das, presumidamente, bruxas. Nesse momento começam a surgir os nomes de alguns homens incriminados bruxos como ocorreu com Jhon Proctor, marido de Elisabeth Proctor que foi o primeiro acusado. (SCHIFF, 2019)

Este ocorrido acabou abrindo caminho para novas acusações como foram os casos das irmãs da Rebeca Nurse, os filhos da Elisabeth Proctor e o marido da Martha Correy. (SCHIFF, 2019)

É importante destacar que desde o início dos ocorridos houve pessoas que se opuseram a ideia de que tudo aquilo se tratava de bruxaria, mas nunca quando se tratava de pessoas como a Tituba ou a Sarah Good. as críticas contra as acusações surgiam quando se tratava de homens e mulheres ricos e influentes daquela sociedade

Antes dos julgamentos daquelas pessoas que foram presas começarem, centenas de outras pessoas não possuídas se apresentaram para dar novos nomes, tais quais estavam sendo acusados de crimes cometidos décadas antes.

O fato é que, quando todos tinham um motivo para acusar alguém, independente do seu motivo em particular, as acusações começaram a sair do controle. Até o momento em que pessoas influentes politicamente da comunidade tiveram seus nomes citados durante os julgamentos e isto se deu como um motivo para que os julgamentos fossem encerrados por exposição e pressão popular. (SCHILLING, 2004)

Até que esses julgamentos inconsequentes fossem dados por encerrados, cerca de 200 pessoas foram acusadas, em sua maioria mulheres, e os homens envolvidos geralmente eram acusados por terem algum vínculo com uma mulher acusada. (MORAIS, 2015)

Dessas 200 vítimas, 27 pessoas foram brutalmente assassinadas, 22 mulheres e 5 homens, além daquelas que morreram na prisão. (MORAIS, 2015)

Após tanto caos, histerias e relatos inexplicáveis, o que acabou persistindo foram os questionamentos. Será mesmo que mulheres subjugadas e diminuídas a serem submissas e

donas de casa subiam em seu instrumento de trabalho e saiam voando pelos céus e jogando pragas pelo mundo à luz da lua? Será que tudo isso não passou de um surto adolescente? Seria um fator biológico? Ou seria uma estratégia econômica?

São questões a serem analisadas, mas que nunca justificarão as vidas que foram ceifadas neste acontecimento.

## **6. A relação entre a inquisição e o desenvolvimento do capitalismo na América**

Diante de algumas análises é inegável que a inquisição tenha sido fato um dos pilares utilizados para a concretização do capitalismo.

A partir disto, este capítulo buscará mostrar a relação existente entre o ascetismo protestante e o desenvolvimento do capitalismo.

O sociólogo Max Weber (2013), afirmou que o protestantismo, em particular o calvinismo, foi a força espiritual que impulsionou o capitalismo no mundo ocidental. As doutrinas calvinistas, analisadas anteriormente, são, inegavelmente, favoráveis ao capitalismo e foi baseando-se nessa teologia que, segundo Weber, este sistema tomou força do lado ocidental do mundo.

O sociólogo se dedicou a relatar em sua obra a forma como se origina o espírito capitalista e sobretudo explicar essa natureza simbólica e cultural. Para Weber, o novo sistema é resultado de uma cultura moderna que chegou com a Reforma, na qual as doutrinas são modificadas e o lucro deixa de ser um pecado e passa a ser parte de um processo para a glória de Deus. Fazendo uma crítica a interpretação de Marx, Weber diz que:

Só alhures teremos ocasião de tratar no pormenor daquela concepção do materialismo histórico ingênuo segundo a qual ‘ideias’ como essas são geradas como ‘reflexo’ ou ‘superestrutura’ de situações econômicas.” Por ora, é suficiente para nosso propósito indicar: que na terra natal de Benjamin Franklin (o Massachusets) o ‘espírito do capitalismo’ (no sentido por nós adotado) existiu incontestavelmente antes do desenvolvimento do capitalismo.’ [(já em 1632 na Nova Inglaterra, havia queixas quanto ao emprego do cálculo na busca de lucro, em contraste com outras regiões da América)]; e que esse ‘espírito capitalista’ permaneceu muito menos desenvolvido, por exemplo, nas colônias vizinhas – os futuros estados sulistas da União – muito embora estas últimas tivessem sido criadas por grandes capitalistas com finalidades mercantis, ao passo que as colônias da Nova Inglaterra tinham sido fundadas por razões religiosas por pregadores e intelectuais em associação com pequenos burgueses, artesãos. (WEBER, 2013, p. 48 e 49)

Partindo desta linha, nota-se que Weber busca fazer uma interpretação oposta ao pensamento marxista com relação ao capitalismo, enquanto Marx coloca o capitalismo como uma base econômica, Weber o defende como uma base cultural.

Uma das doutrinas que trançam o capitalismo e o protestantismo é a ideia de “vocação” discutida anteriormente.

Sabe-se que para o Luteranismo é importante que o fiel tenha contato direto com as escrituras. Para isso, alguns reformadores se encarregaram de traduzir a Bíblia do latim. Neste sentido pode-se perceber a semântica da palavra alemã “Beruf”, relacionando-a com a expressão inglesa “calling”, dando a entender que o chamado vem por meio do trabalho. Weber justifica esta ideia dizendo que isso é uma consequência de uma Bíblia traduzida por reformadores que buscaram apresentar um significado religioso para a palavra “trabalho”. (WEBER, 2013)

Mas à medida que a ideia de *sola fide* se lhe torna mais clara em suas consequências e vai ficando cada vez mais aguçada sua consequente oposição aos ‘conselhos evangélicos’ do monacato católico enquanto conselhos ‘ditados pelo diabo’, aumenta a significação da vocação numa profissão.’ (WEBER, 2013, p. 73)

O fato é que por mais que Lutero tenha sido o precursor dessas doutrinas, ele ainda era visto como um tradicionalista. Sendo assim, ele não era visto como o criador do espírito capitalista. Dessa maneira, Weber encaminha suas ideias para o Calvinismo, também conhecido como puritanismo, para a partir daí explicar a real origem do espírito do capitalismo. (WEBER, 2013)

Sabe-se que o calvinismo carrega em suas doutrinas o ideal de predestinação, onde o fiel nasce predestinado ou não a salvação, além da ideia de religiosidade racional, onde Calvino defende que para uma ligação com Deus o fiel não precisa de mais do que sua fé.

Como associar essa tendência do indivíduo a se soltar interiormente dos laços mais estreitos com que o mundo o abraça à incontestável superioridade do calvinismo na organização social, à primeira vista parece um enigma. É que, por estranho que possa parecer de início, tal superioridade é simplesmente resultado daquela conotação específica que o ‘amor ao próximo’ cristão deve ter assumido sob a pressão do isolamento interior do indivíduo exercida pela fé calvinista. [A princípio ela é de fundo dogmático.] O mundo está destinado a isto [e apenas a isto]: a servir à autoglorificação de Deus; o cristão [eleito] existe para isto [e apenas para isto]: para fazer crescer no mundo a glória de Deus, cumprindo, de sua parte, os mandamentos Dele. Mas Deus quer do cristão uma obra social porque quer que a conformação social da vida se faça conforme seus mandamentos e seja endireitada da forma a corresponder a esse fim. (WEBER, 2013, pp. 98-99)

A partir destes conceitos, o sociólogo busca explicar a relação entre o individualismo das doutrinas seguidas e o nível de organização social concebido no calvinismo. Esta sociabilidade, por sua vez, se traduz na divisão do trabalho e de alguma forma é o pontapé para a teoria sustentada por Weber, o espírito do capitalismo. (WEBER, 2013)

Tendo essas pontuações em mente, surge outro ponto com relação a doutrina da predestinação. A partir do momento em que te surge a dúvida da salvação existe a necessidade de garantia, ou seja, para que essa dúvida seja amenizada o fiel se dedica a garantir o seu lugar, buscando sempre seguir puramente a “palavra de Deus”.

Isto posto, a ideia de predestinação juntamente ao ideal de vocação dá origem ao espírito do capitalismo, resultado do puritanismo: trabalho incessante. “E de outro lado, distingue-se o trabalho profissional sem descanso como meio mais saliente para se conseguir essa autoconfiança. Ele, e somente ele, dissiparia a dúvida religiosa e daria certeza do estado de graça.” (WEBER, 2013, p. 102)

Por mais que o Calvinismo tenha nascido como uma vertente Luterana, Weber afirma que as duas são consideravelmente distintas.

No seio do protestantismo, as conseqüências que essa doutrina necessariamente acarretou na conformação ascética da conduta de vida dos seus primeiros adeptos constituíram a antítese [mais] fundamental da impotência moral (relativa) do luteranismo. A gratia amissibilis luterana, que a todo instante podia ser recuperada com o arrependimento e penitência não continha em si, obviamente, nenhum estímulo àquilo que aqui nos importa como produto do protestantismo ascético: uma sistemática conformação racional da vida ética em seu conjunto. (WEBER, 2013, p. 115)

Com essa diferença, Weber quer mostrar que onde a teologia calvinista foi dominante houve uma contaminação social do ponto de vista econômico. Por outro lado, o luteranismo que se baseou na salvação pela fé, retirou de suas ideias o ponto de que é necessário um trabalho árduo para a conquista da salvação, resultando em uma certa libertinagem moral e social do ponto de vista weberiano. (WEBER, 2013)

Diante de tais análises, é possível claramente observar a relação entre as doutrinas calvinistas e as bases capitalistas sem precisar de muito esforço. O sociólogo ainda mostra em sua obra o repúdio dos calvinistas pelo esporte, lazer ou qualquer coisa que pudesse garantir o prazer do fiel. Os seguidores de Calvino não eram pessoas comuns, eram como mordomos que estão ali apenas para administrar de forma digna os bens que Deus lhes ofereceu.

A ideia da obrigação do ser humano com a propriedade que lhe foi confiada, à qual se sujeita como prestimoso administrador ou mesmo como ‘máquina de fazer



dinheiro', estende-se por sobre a vida feito uma crosta de gelo. Quanto mais posses, tanto mais cresce – se a disposição ascética resistir a essa prova – o peso do sentimento da responsabilidade não só de conservá-la na íntegra, mas ainda de multiplicá-las para glória de Deus através do trabalho sem descanso. Mesmo a gênese desse estilo de vida remonta em algumas de suas raízes à Idade Média como aliás tantos outros elementos do espírito do capitalismo [moderno], mas foi só na ética do protestantismo ascético que ele encontrou um fundamento ético consequente. Sua significação para o desenvolvimento do capitalismo é palpável. (WEBER, 2013 p. 155)

Após compreender as relações entre as doutrinas calvinistas e as bases capitalistas é mais simples de se esclarecer a relação da inquisição com este sistema econômico, pois, esta se deu através destas mesmas doutrinas.

A verdade a ser contada é que a base do capitalismo é a violência, não existe um processo de acumulação baseado em inocência, o sistema se divide entre dominador e dominado e o processo de dominação se tem por ideais de predominância com relação ao outro. Marx dizia que

O processo que cria o sistema capitalista consiste apenas no processo que retira ao trabalhador a propriedade de seus meios de trabalho, um processo que transforma em capital os meios sociais de subsistência e os de produção e converte em assalariados os produtores diretos. A chamada acumulação primitiva é apenas o processo histórico que dissocia o trabalhador dos meios de produção. (MARX, 1980, p. 828)

Quando uma sociedade se vê mergulhada em crises e caos, como foi o caso relatado em Salém por exemplo, as classes dominantes buscam retornar ao controle por meio de métodos repressivos. Ao analisar, pode-se notar que uma sociedade em crise sempre irá recorrer a algum tipo de violência que por sua vez sempre será dirigida pelos representantes sociais. (MARX, 2014)

Dito isso, compreende-se que esta foi a forma encontrada pela burguesia para poder legitimar esse novo sistema econômico, visto que todo o processo coloca o burguês como controlador de seus opositores. A violência foi a forma encontrada para se garantir a reprodução do capital.

Herbert Aptheker afirma que, acusar as massas como culpadas dos julgamentos é um grande erro, pois, não foram estes que presidiram os julgamentos das bruxas, o historiador defende que os responsáveis por tal atrocidade foram a elite que criou e constituiu o comitê de caça às feiticeiras. Para ele, a caça às bruxas podem ser bem explicadas como uma luta de classes.

[...] Foram o aparelho governamental e o aparelho de propaganda dos dirigentes que provocaram a histeria de caça às feiticeiras e se esforçaram para sustentar essa histeria; e foram seus prepostos que prenderam e torturaram e executaram as feiticeiras. Foi a elite que continuou insatisfeita com meras "confissões" e insistiu em

que as confissões, para serem reais, deviam ser seguidas dos nome de outros agente do demônio- e que somente então aquele que confessar poderia ser poupado à execução. Foi a elite, também, que expressou horror quando alguns dos que confessavam (...) retratavam-se. Nesses casos, foi a elite que se recusou a aceitar as retratações, considerando-as prova de aliança demoníaca e passou a executar os informantes atingidos pela crise de consciência. Na verdade, as evidências demonstram que neste caso (...) foram a repugnância e o protesto populares que ajudaram a fazer parar os sangrentos processos. (APTHEKER, 1967, p. 123- 124)

Tendo em vista a situação de desordem econômica, populacional e religiosa em que Salém se encontrava, os líderes religiosos se viram ameaçados, assim como na Europa os inquisidores tratavam de controlar os camponeses que se encontravam a noite para organizar rebeliões, na América o temor de que isso também acontecesse quando aquelas mulheres se encontravam sozinhas nas florestas para seus considerados “sabbats” era maior do que qualquer outra coisa. O medo de uma afronta era real e necessitava ser controlada de alguma forma. (FEDERICI, 2017)

Alguns autores ainda afirmam que os puritanos se viram decepcionados com o rumo que seus planos acabaram tomando, o intuito era de se fundar uma sociedade próspera e abençoada pelas mãos de Deus, mas em algum momento essa ordem se desalinhou, a população cresceu mais do que o esperado e a economia não estava fluindo da forma como deveria, as jovens vinham se rebelando, as plantações secando e o controle escapando pelos vãos dos dedos dos puritanos.

[...] as frustrações dos protestantes no Novo Mundo, onde o sonho de uma comunidade perfeitamente construída de acordo com as leis de Deus e da Bíblia não havia se realizado. [...] Os habitantes de Massachussets haviam se dado conta de que não apenas a Bíblia e as boas intenções haviam atravessado o oceano, mas todas as suas mesquinhas, maledicências e tensões. Melhor seria, assim, atribuir esses problemas ao demônio e a seus seguidores. (KARNAL, 2011, p. 53)

Além do mais, essa atribuição do mal se fez mais fácil, visto que a crença em bruxas era algo real no século XVII, assim, como o ideal de que a salvação era algo coletivo, pois todos precisam estar em constante pureza para que aquela sociedade como um todo seja salva.

Para Schilling:

É inquestionável que o povo acreditava sinceramente no malefício, isto é, no dano causado pelas bruxas. Por um ou outro motivo, ele acumpliciava-se com as autoridades nas medidas tomadas para persegui-las e julgá-las. Na sociedade pré iluminista, a existência do demônio era coletivamente aceita porque servia como uma explicação conveniente para acontecimentos estranhos, para agressões injustificadas, ao que lhes parecia inusitado, ao inesperado. Por outro lado, socorrer-se de feitiçarias e de bruxas sempre foi uma maneira de tentar influenciar pessoas ou coisas sobre as quais se tinha escasso poder. (SCHILLING, 2004, p.19)

Embora o autor reconheça que a ideia da bruxa era parte do imaginário popular daquela sociedade, ele ainda aprimora sua análise, dizendo que as perseguições foram

também uma forma de controle social, uma espécie de estratégia para beneficiar a burguesia local que acabou por resultar em acontecimentos trágicos.

É fato que o capitalismo está estritamente ligado a todos os tipos de desigualdade, como, por exemplo, o racismo e o sexismo. É comum dizer que este sistema é um silenciador de minorias, mas é importante sempre lembrar, que as mulheres não são a minoria da sociedade, metade da população é composta por mulheres e outra metade são filhos dessas mulheres. (FEDERICI, 2017)

## **7. Conclusão**

O episódio das caças às bruxas foi a representação da censura à resistência feminina na história, seja na Europa ou na América essas perseguições foram as mordanças silenciadoras de milhares de mulheres.

Ao longo da história as mulheres foram apagadas, a realidade conhecida hoje foi em sua maioria escrita por homens e é preciso que se reconheça a representação feminina neste processo. A busca por cortar as asas daquelas que voam é a prova de que a liberdade da natureza feminina é uma ameaça real ao sistema capitalista.

A sociologia de Marx não foi capaz de analisar a gênese do capitalismo através dos olhos de uma mulher mesmo que sua importância tenha sido a mesma do proletariado assalariado masculino e branco da época.

A religião por sua vez, sempre foi e sempre será uma arma de controle social, não é a figura de Deus que reprime e controla a vida de uma sociedade, mas sim os homens com sede de poder que governam essas instituições.

Weber relatou muito bem em suas obras o papel fundamental da igreja para o desenvolvimento de um sistema baseado em desigualdade, repressão e violência. Violência esta, fundamental para um controle social.

Foi na utilização de doutrinas religiosas definidas pelos próprios homens, ameaças de um fim sem a glória celestial, pressões psicológicas e violências físicas que os representantes de Deus concretizaram um novo sistema, visando o benefício próprio daqueles malfeitores.

A violência foi necessária para que o capitalismo se instalasse e não é diferente para a realização de sua manutenção, este sistema é regado pela desigualdade, racismo, sexismo, dentre diversas outras formas de dominação e preconceito.

As mulheres que foram mortas a séculos atrás por serem consideradas bruxas, foram a afronta aquele sistema, hoje ainda existem bruxas e elas seguem sendo o terror daqueles que tentam dominar corpos e mentes, porém, as mulheres de hoje não são as mesmas.

As bruxas do século XXI estão nas ruas gritando por liberdade e igualdade, estão por todos os cantos dessa sociedade lutando contra o sexismo, fascismo e o neoliberalismo que as mutilam todos os dias.

Hoje, milhares de mulheres renascem das cinzas daquelas que foram queimadas para que este sistema fosse possível, renascem mais fortes e dessas chamas tiram forças para lutar contra qualquer um que tente calar suas vozes e limitar seus voos.

Este trabalho é uma forma de trazer à tona as memórias que foram apagadas, este assunto é algo muito importante, porém pouco discutido. O intuito aqui não é trazer uma interpretação final sobre este assunto, mas sim trazer novas inquietações para que novas questões sejam levantadas e por fim, as vidas dessas mulheres sejam lembradas de forma emblemática.

## 8. Referências Bibliográficas

APTHEKER, H. **Uma nova história dos Estados Unidos: a era colonial**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1967.

**BÍBLIA** Sagrada. Editora: SBB; Conteúdo da Bíblia, 2018.

BLOCH, M. L. B. **Apologia da História, ou, O Ofício de Historiador**. Jorge Zahar, 2001.

BURNS, E. **História da Civilização Ocidental**. Volume I. ed Globo, 1982.

CAMPOS, M. B. **Mulheres em revista: uma sociologia da compreensão do feminino no Brasil presbiteriano (1994-2002)**. São Paulo: Pontifícia universidade católica de São Paulo, 2006.

CATANI, A. M. **O que é capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

CONDÉ, M. **Eu, Tituba**. A bruxa negra de Salém. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

CSISZAR, S. A. **O livro de ouro sobre Martinho Lutero**. São Paulo: Rising Stark Books, 2015.

DICKENS, A. G. **A Reforma e a Europa do Século XVI**. Lisboa: Verbo, 1971.

DURANT, W. **A Reforma**. Tradução Mamede de Souza Freitas. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

FEDERICI, S. **O calibã e a bruxa**. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

- FERREIRA, F. **O movimento puritano e João Calvino**. In: Fides Reformata, 1999.
- GEORGE, T.. **Ansiando pela graça**: Martinho Lutero. Teologia dos Reformadores. São Paulo: Vida Nova, 1993
- JORGE, F. **Lutero e a igreja do pecado**. 7. ed. Osasco: Novo Século, 2008.
- KARNAL, L. **História dos Estados Unidos**: Das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2007.
- KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O martelo das feiticeiras**. Rio de Janeiro: Record – Rosa dos Tempos, 1991.
- LLOYD-JONES, D. M. **Os puritanos**: suas origens e seus sucessores. São Paulo: PES, 1993.
- LUZ, M. da. **Onde termina a religião?** Foz do Iguaçu: Editares, 2011.
- MARX, K. **O capital**. 2. ed.. São Paulo: Veneta, 2014
- MENDONÇA, A. G. **O celeste porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1984.
- MENDONÇA, A. G. **Protestantes, pentecostais**; ecumênicos: o campo religioso e seus personagens. São Bernardo do Campo: UMESP, 1997.
- MILLER, P.; JOHNSON, T. H (Eds.). **The Puritans**. Volume I and II. Revised Edition. New York: Harper Torchbooks, 1963.
- SCHIFF, S. **AS BRUXAS**: Intrigas, Traição e histeria em Salém. Zahar, 2019
- SCHILLING, Voltaire. **América: A história e as contradições do império**. Porto Alegre: L&PM, 2004. Rodrigues e Maria Helena Simões Paes. 8 ed. São Paulo: Atual, 1993.
- SEFFNER, F. **Da Reforma à Contra-Reforma**: o cristianismo em crise. Coord. Marly WEBER. M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2013.
- ZWEIG, S. **Os caminhos da verdade**. Rio de Janeiro: Delta, 1953.
- \_\_\_\_\_. Uma consciência contra a violência. Rio de Janeiro: Delta, 1956.